
DOSSIÊ
TEOLOGIA SISTEMÁTICA E ÉTICA PROTESTANTES EM
DIÁLOGO COM A MODERNIDADE E A PÓS-MODERNIDADE



A MORTE DE DEUS NA CULTURA: ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE A PROFANAÇÃO DO SAGRADO NA PÓS-MODERNIDADE¹

*The Death of God in Culture: theoretical aspects on the Desecration of the
Sacred in Postmodernity*

William Felipe Zacarias²

Euler Renato Westphal³

RESUMO

Existe uma relação intrínseca entre o Ocidente e a visão de mundo (*Weltanschauung*) judaico-cristã. A secularização do protestantismo no Ocidente usufrui dos benefícios materiais do cristianismo, sem, porém, levar em conta a própria imaterialidade do fenômeno cristão. Assim, a secularização é a própria vocação da fé cristã que continuamente se esvazia a si mesmo e cumpre sua vocação (*Berufung*) no mundo por meio da profissão (*Beruf*). A pós-modernidade efetua uma ruptura com tudo aquilo que lembra o cristianismo: a dignidade humana, a beleza da arte e a noção de história. Com isso, ela retorna à era dionisíaca

¹ Artigo recebido em 28 de fevereiro de 2018, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 15 de abril de 2019, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² William Felipe Zacarias – Bacharel em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia – FLT, de São Bento do Sul/SC. E-mail: william.zacarias@flt.edu.br.

³ Euler Renato Westphal é doutor em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação na Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo/RS. Professor do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Joinville-SC. Professor de Teologia Sistemática na FLT, São Bento do Sul/SC. Publicações na área da Teologia, Cultura, Ética e Bioética. E-mail: eulerwestphal@gmail.com.

do caos, materialidade e hedonismo. O Deus da cruz confunde as potências do mundo imanente, pois Deus derramou seu sangue para que o sangue humano fosse poupado de ser derramado. Por conseguinte, qual é a relevância do Deus nojento da cruz para a pós-modernidade? Como ele tem sido reinterpretado enquanto loucura? Sem a escatologia, há critérios em um eterno retorno do mesmo? Até onde a *kénosis* vattminiana é, realmente, válida? Mais do que respostas, propõe-se uma reflexão sobre a contemporaneidade e suas implicações na cultura. Ateus ou não, o modo de vida ocidental ainda pressupõe Deus.

Palavras-chave: Pós-modernidade. Cultura. Sagrado. Secularização. Patrimônio Religioso.

ABSTRACT

There is an intrinsic relationship between the West and the Judeo-Christian worldview (weltanschauung). The secularization of protestantism in the West enjoys the material benefits of christianity without, however, taking into account the very immateriality of the Christian phenomenon. Thereby secularization is the own vocation of the Christian faith that continually empties himself and fulfills his vocation (Berufung) in the world through his profession (Beruf). Postmodernity breaks with everything that resembles Christianity: human dignity, the beauty of art, and the notion of history. With this, it returns to the dionysiac era of chaos, materiality and hedonism. The God of the cross confounds the powers of the immanent world, because God shed his blood so that human blood would be spared from being shed. Therefore, what is the relevance of the disgusting God of the cross to postmodernity? How has it been reinterpreted as madness? Without eschatology, are there criteria in an eternal return of it? How far is the vattminian Kénosis valid? More than answers, it is proposed a reflection on contemporaneity and its implications in culture.

Keywords: Postmodernity. Culture. Sacred. Secularization. Religious Heritage.

INTRODUÇÃO

A pós-modernidade é uma consequência direta do secularismo do *Lógos* cristão, especialmente do *ethos* protestante. Trata-se de um fenômeno singular do Ocidente, pois apenas no Ocidente agiu o cristianismo. Nietzsche é pioneiro ao perceber que seu mundo passava por transformações e que, enfim, Deus acabara morto por seus próprios fiéis. A nova cultura é, na verdade, um retorno à era trágica dos gregos, concomitante com o pós-humanismo, a pós-história e a pós-arte.

Neste artigo, apresentam-se as implicações da pós-modernidade na cultura, na arte performática, na música e no humanismo. Simultaneamente, permitem-se avaliar qual a contribuição da cristologia em uma cultura *pós-tudo* a partir de Fp 2.5-11. Fato é que, como diz Terry Eagleton, mesmo para o ser

humano ateu, seu modo de vida continua pressupondo Deus⁴.

1 O ESCANDALOSO DEUS QUE MORREU

“A morte de Cristo (...) é a desintegração do Deus que garante o significado de nossas vidas.” (Slavoj Žižek)⁵

Como se não bastasse a loucura do *Lógos* encarnado, o Deus do Novo Testamento morre com muito sangue em uma cruz. Deus entrou na história humana e participou verdadeiramente da condição humana até à morte e morte de cruz (Fp 2.8). Essa é a loucura da pregação, como diz Paulo (1 Co 1.21). O escândalo da cruz põe em cheque a sabedoria humana. Na cruz, Jesus Cristo foi tornado o próprio pecado (2 Co 5.21) e se tornou o maldito de Deus (Gl 3.13) sem ter cometido pecado algum. Deus se tornou em um pedaço de carne pendurado em um madeiro. Deus se tornou fraco ao ponto de sofrer a humilhação da morte e morte de cruz, exposto, sangrando aos olhos dos homens, morto pelos seres humanos: “Jesus assume a nossa indignidade para nos dar dignidade. Ele nos absolve da culpa para nos fazer justos. Ele carrega as nossas marcas de sofrimento para nos dar esperança”⁶. Jesus Cristo é indubitavelmente o Deus escandaloso (1 Co 1.23).

Até na cruz Jesus Cristo foi aquilo que o cristão deveria ser. Ao invés de julgar seus opressores, ele os ama e pede ao Pai pelo perdão deles (Lc 23.34). Poderia ser o Deus justiceiro, pois tinha poder para isso, mas ele resolve amar aqueles que o maltratam. Um Deus verdadeiro nunca poderia sofrer o que Jesus Cristo sofreu. Aquele que foi morto é o autor da vida (At 3.15). Deus se fez fraco e sentiu o que é ser humano. Como diria John Stott,

O Filho de Deus não permaneceu na segura imunidade de seu céu, distante do pecado e da tragédia humana. Ele de fato entrou em nosso mundo. Esvaziou-se de sua glória e humilhou-se para servir. Assumiu a nossa natureza, viveu a nossa vida, suportou as nossas tentações, vivenciou nossas

⁴ Cf. PINHEIRO DA FONSECA, Joel. Ainda entre Nós. In: **Veja**. 2483. ed. São Paulo: Editora Abril, 22. jun./2016, p. 101.

⁵ ŽIŽEK, Slavoj. **The pervert’s Guide to Cinema**. Produção de Sophie Fiennes. Escrito e apresentado por Slavoj Žižek. Londres: CA Projects, 2006. 1 DVD (150 min).

⁶ WESTPHAL, Euler. Existência sob a cruz – somos justos e pecadores. In: **Jorev Luterano**. Porto Alegre, ano 41, n. 753, ago./2012, p. 9-9.

tristezas, sentiu nossas dores, carregou nossos pecados e morreu nossa morte. Ele participou profundamente da nossa condição de seres humanos. Nunca se afastou das pessoas que se esperaria que ele evitasse. Foi amigo dos marginalizados da sociedade e até mesmo tocou nos intocáveis. Não poderia ter sido mais igual a nós. Foi a total identificação do amor. Mesmo assim, ao identificar-se conosco, não abriu mão de sua própria identidade, nem a alterou de maneira alguma, pois, tornando-se um de nós, mesmo assim, continuou sendo ele mesmo. Ele passou a ser humano, mas sem deixar de ser Deus.⁷

Nietzsche, ao contrário da morte expiatória de Cristo, enxerga o fenômeno da morte de Deus com muito sarcasmo e escárnio. Para o teólogo alemão, a morte de Deus em Jesus Cristo é o principal enunciado da decadência ocidental. Para Vattimo, “não é tão absurdo sustentar que a morte de Deus anunciada por Nietzsche, é, em muitos sentidos, a morte de Cristo na cruz narrada pelos Evangelhos”⁸. Para Nietzsche, Deus morreu como um credor que morre em sacrifício pelo seu devedor apenas por amor, e pergunta: “é de se dar crédito?”⁹. Esse Deus cristão é o Deus que tornou a terra um hospício¹⁰, pois seus seguidores são todos loucos (1 Co 1.23). Para Nietzsche, o Salvador se torna um tipo de médico que cuida dos sofrimentos dos seus seguidores, pois “o cristianismo, em especial, pode ser considerado um grande tesouro dos mais engenhosos meios de consolo, pelo tanto de aliviador, mitigador, narcotizante que há nele acumulado”¹¹. O cristianismo é a “religião da compaixão”¹². Nietzsche expressa seu repúdio pelo Novo Testamento, dizendo:

O Antigo Testamento – sim, este é outra coisa: todo o respeito perante o Antigo Testamento! Nele encontro grandes homens, uma paisagem heroica e algo raríssimo sobre a terra, a incomparável ingenuidade do *coração forte*; mais ainda, encontro um povo. No Novo, porém, nada senão pequeninas manobras de seitas, nada senão rococó da alma, nada senão volutas, tortuosidades e bizarras, mero ar de conventículo, não esquecendo ainda

⁷ STOTT, John. **Ouçã o espírito, ouçã o mundo**. São Paulo: ABU Editora, 1992, p. 399.

⁸ VATTIMO, Gianni. A Idade da Interpretação. In: ZABALA, Santiago (org.). **O futuro da religião**: solidariedade, caridade e ironia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p. 66.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 75.

¹⁰ Cf. NIETZSCHE, 2009, p. 76.

¹¹ NIETZSCHE, 2009, p. 111.

¹² NIETZSCHE, 2013, p. 375.

um ocasional sopro de doçura bucólica, próprio da época (e da província romana) e não tanto judeu quanto helenístico.¹³ (grifos do autor)

Em síntese, Nietzsche quer dizer que enquanto no Antigo Testamento existem grandes homens e heróis como Abraão, Moisés e Davi, no Novo Testamento só há a bizarrice do Deus que morre na cruz que passa a ser uma seita judia, chamada *cristianismo*¹⁴. O Deus da cruz, é, para Nietzsche, uma isca perigosa, inebriante, estonteante, corruptora, um paradoxo, mistério inimaginável, a última e extrema crueldade e autocrucificação de Deus¹⁵. Para quê? “*para salvação do homem?*”¹⁶ (grifo do autor). Embora contrário a ela, Nietzsche acaba sendo um dos principais expoentes da Teologia da Cruz enquanto loucura diante da razão e lógica humana.

Contudo, é na obra “O Anticristo. Maldição contra o cristianismo” (*Der Antichrist. Fluch auf das Christentum*) que mais aparece repúdio e escárnio de Nietzsche contra a religião cristã, especialmente contra a igreja cristã. Esta obra merece mais referências, não pela crítica de Nietzsche ao cristianismo, mas por sua constatação de que o evento da crucificação é uma loucura desmedida.

Nietzsche critica o cristianismo por sua demasiada atenção aos fracos como algo mais danoso que um vício¹⁷. Para ele, “não se deve adornar e enfeitar o cristianismo: ele travou uma *guerra de morte* contra esse tipo superior de homem”¹⁸ (grifo do autor), a saber, o *Übermensch*. Nietzsche está preocupado com o tipo psicológico do Redentor e não com aquilo que seus discípulos relataram nos evangelhos¹⁹. Nietzsche diz que “a vida do Redentor não foi outra senão *essa* prática – sua morte também não foi outra coisa...”²⁰ (grifo do autor), pois “esse “bom mensageiro” morreu tal como viveu, como *ensinou*”²¹ (grifo do

¹³ NIETZSCHE, 2009, p. 124.

¹⁴ É óbvio que Nietzsche excluiu o pecado da biografia daqueles que ele chamou de “heróis do AT”.

¹⁵ Cf. NIETZSCHE, 2009, p. 24-25.

¹⁶ NIETZSCHE, 2009, p. 25.

¹⁷ NIETZSCHE, 2013, p. 373.

¹⁸ NIETZSCHE, 2013, p. 374.

¹⁹ NIETZSCHE, 2013, p. 395.

²⁰ NIETZSCHE, 2013, p. 399.

²¹ NIETZSCHE, 2013, p. 401.

autor). O tipo psicológico do Redentor se resume, para Nietzsche, em seu amor que não defende o próprio direito de inocência. O perdão que Jesus declara na cruz é completamente incompatível com a lógica humana, pois um verdadeiro inocente declararia sua inocência até o último minuto.

Para Nietzsche, os autores dos evangelhos e o apóstolo Paulo corromperam o verdadeiro sentido da vida do Filho de Deus, afinal de contas, “já a palavra ‘cristianismo’ é um mal-entendido – no fundo, houve apenas um cristão, e esse morreu na cruz. O ‘evangelho’ morreu na cruz”²². Nietzsche constata, e com razão, que são poucos os cristãos que de fato vivem o verdadeiro cristianismo. O mundo se tornou um manicômio com o cristianismo, um Ocidente com doenças mentais²³. A morte de Jesus foi um fato completamente inesperado pelos seus discípulos. Nietzsche afirma que “apenas a morte, essa morte ignominiosa e inesperada, apenas a cruz, em geral, reservada somente para a *canaille* – apenas esse horribilíssimo paradoxo colocou os discípulos diante do verdadeiro enigma: “*Quem foi esse? O que foi isso?*”²⁴ (grifo do autor). A morte de Jesus deixa os discípulos decepcionados (Lc 24.17-24). A morte de Cristo foi repulsiva e nauseabunda: Deus derramou seu próprio sangue e se deixou pregar pelas mãos de homens, algo que colide diretamente com a racionalidade e com a própria teologia humana. O Deus da cruz é tão estranho que Nietzsche o chama de “paganismo medonho!”²⁵.

Para Nietzsche, o grande golpe contra o evangelho de Jesus Cristo vem de Paulo com a promessa da ressurreição dos mortos: “E de um só golpe se fez do evangelho a mais desprezível de todas as promessas irrealizáveis, a doutrina *desavergonhada* da imortalidade pessoal... O próprio Paulo ainda a ensinou como *prêmio!*...”²⁶ (grifo do autor). Para Nietzsche, o problema do cristianismo é que ele “promete tudo, mas não *cumpra nada*”²⁷ (grifo do autor). Com esta colocação, Nietzsche está se referindo à tão prometida volta de Jesus e ressurreição dos crentes. Qual a sua conclusão? “Que se faz bem ao calçar luvas quando se lê

²² NIETZSCHE, 2013, p. 404.

²³ NIETZSCHE, 2013, p. 403.

²⁴ NIETZSCHE, 2013, p. 405.

²⁵ NIETZSCHE, 2013, p. 406.

²⁶ NIETZSCHE, 2013, p. 407.

²⁷ NIETZSCHE, 2013, p. 407.

o Novo Testamento. A proximidade de tanta imundície quase obriga a tanto”²⁸. Nietzsche repudia o Deus crucificado do Novo Testamento como uma das maiores vergonhas que a humanidade assistiu em seu decurso na história. O Deus do Novo Testamento é um Deus nojento, que derrama sangue e agoniza pendurado em uma cruz. É o Deus impossível de ser Deus pelos olhos da razão, conquanto, não é a Terra inteira um manicômio?²⁹ Ou seja, não se tornou o Ocidente inteiro um hospício por acreditar em tamanha loucura? Assim, “o crítico do cristianismo não pode se poupar de tornar o cristianismo *desprezível*”³⁰ (grifo do autor). Nietzsche diz: “Eu *condeno* o cristianismo, e instauo contra a Igreja Cristã a mais terrível das acusações que alguma vez tenha sido feita por um promotor. Para mim, ela é a maior das corrupções imagináveis”³¹ (grifo do autor). O cristianismo é a coisa mais inesperada que o mundo já viu.

Para o teólogo alemão, o cristianismo cria as calamidades para se eternizar, como, por exemplo, o “verme do pecado”³². Nietzsche define “a cruz como distintivo da mais subterrânea conspiração que já existiu”³³. Nietzsche chama o cristianismo de “a única grande maldição, a única grande corrupção”³⁴. Para Nietzsche, o cristianismo perverteu os ensinamentos praticados por Jesus. A partir disso, Nietzsche promulga sua lei contra o cristianismo, assinando como o *anticristo*³⁵.

Por conseguinte, o repúdio de Nietzsche se volta, em um primeiro momento, contra o Deus crucificado. Jesus Cristo é o Deus do absurdo, o Deus que debocha da racionalidade humana e a desafia em sua crucificação, pois tal evento não pode ser entendido pelo jugo racional. Ao contrário, os eventos da encarnação, crucificação, ressurreição e ascensão de Jesus voltam-se totalmente contra a religiosidade humana que quer fazer por merecer a graça e os favores de Deus. O Deus da cruz rompeu com a religião, pois foi ele mesmo quem se sacrificou em prol dos seres humanos sem que eles tivessem mérito ou merecimento algum

²⁸ NIETZSCHE, 2013, p. 412.

²⁹ Cf. NIETZSCHE, 2013, p. 417.

³⁰ NIETZSCHE, 2013, p. 425.

³¹ NIETZSCHE, 2013, p. 433.

³² NIETZSCHE, 2013, p. 433.

³³ NIETZSCHE, 2013, p. 434.

³⁴ NIETZSCHE, 2013, p. 434.

³⁵ Cf. NIETZSCHE, 2013, p. 435-436.

da sua obra. Nietzsche expôs criticamente a crucificação com as palavras como: hospício, manicômio, desprezível, corrupção, tortuosidades, bizarras, crueldade etc. É assim que Nietzsche define o evento da crucificação, como uma bestialidade nauseabunda, um golpe de gênio que tomou conta do Ocidente e rompeu com a visão greco-romana do mundo. De fato, um Deus tão fraco substituir um César tão forte é algo cujo intelecto humano não é capaz de assimilar. O cristianismo causou uma grande revolução no Ocidente. Os teóricos da secularização tem razão ao afirmar que, portanto, não é possível pensar o Ocidente sem o cristianismo.

Assim, é a loucura da cruz que cura o ser humano em sua fraqueza e desespero. É a loucura da cruz que consola o sofredor em meio às batalhas da vida tão humana. A loucura da cruz inclui os sofredores ao invés de excluí-los eugenicamente. É a fraqueza de Deus (1 Co 1.25) que acolhe e dá direitos iguais aos fracos e raquíticos perante os que se acham fortes e potentes. É o Cristo crucificado que confere dignidade aos malogrados do mundo.

Deste modo, a cristologia vattminiana está embasada no Novo Testamento. Embora Vattimo não considere alguns aspectos do Novo Testamento, como, por exemplo, os v. 9-11 de Fp 2³⁶, sua aplicação da *kénosis* à secularização é didaticamente válida, pois aponta para o cerne cristão que constitui inexoravelmente o Ocidente. Já Nietzsche vê no seu tempo a derrota da cristologia cristã através da própria secularização que levou o ser humano ao descobrimento da técnica e, conseqüentemente, independência de Deus. Sua cristologia é válida quando interpretada à luz dos textos neotestamentários e como exemplificação da loucura da cruz anunciada por Paulo. Fora disso, restam apenas críticas ao cristianismo, algumas válidas, outras nem tanto. Por conseguinte, julga-se possível falar da secularização e do fundamento cristão do Ocidente a partir de ambas filosofias por estarem, a favor ou contra, fundamentadas no Novo Testamento. A loucura da cruz é o que dá sentido para a vida humana em desespero. É o Deus que se fez fraco, que confere igual dignidade para os diferentes, aos olhos humanos.

³⁶ Esta é a perícopa do hino cristológico de Fp 2.5-11: “*Raciocinem vocês o mesmo que Cristo Jesus que existindo em forma de Deus não se aproveitou por ser igual a Deus, mas ele mesmo esvaziou-se à forma de servo, tornando--se da mesma natureza dos homens e na sua aparência exterior, sendo encontrado assim como homem; rebaixou a si mesmo, obediente até a morte, e morte de cruz. Por isso, Deus lhe exaltou dando-lhe de graça o nome superior a todo nome para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre no céu, sobre a terra e debaixo da terra. E toda língua admita abertamente que Jesus Cristo é o Senhor é para glória de Deus Pai.*” Tradução nossa do grego.

Deus derramou o seu próprio sangue para redimir o ser humano pecador que vivia encurvado em si. Somente a partir do Deus crucificado se pode falar em dignidade e direitos humanos, pois Deus se esvaziou a si mesmo para estar ao lado das coisas fracas e loucas deste mundo a fim de confundir as sábias e fortes (1 Co 1.27). O Deus da cruz confunde e enlouquece as potências, as hierarquias e as forças do mundo imanente.

1.1 A estética sacrificial de Hermann Nitsch

O artista performático austríaco Hermann Nitsch (1928-) usa sangue animal e humano em performances violentas que incluem o corpo humano³⁷. Esta escola teve como demais representantes Gunter Brus, Otto Muehl, e Rudolph Schwartzkogler. Perlmutter afirma que “Hermann Nitsch fez uma série de performances intitulada “Orgies-Mysteries-Theater” que muitas vezes implicou o desmembramento de animais, grandes quantidades de sangue e simbolismo religioso tradicional”³⁸ (tradução nossa). Assim, as performances de Hermann Nitsch são rituais orgíacos da Pós-Modernidade como morte da arte.

Vattimo define a morte da arte como algo contemporâneo

[...] que de fato já vivemos na sociedade da cultura de massa, em que se pode falar de estetização geral da vida na medida em que a mídia, que distribui informação, cultura, entretenimento, mas sempre sob critérios gerais de beleza (atração formal dos produtos), assumiu na vida de todos um peso infinitamente maior do que qualquer outra época do passado.³⁹

Assim, a morte da arte, como fenômeno da Pós-Modernidade, é a separação do apolíneo do dionisiaco, i.e., a arte ordenada substituída pela arte violenta e caótica. Para Vattimo, “o dionisiaco vive inteiramente do horror e do

³⁷ Cf. PERLMUTTER, Dawn. The Sacrificial Aesthetic: Blood Rituals from Art to Murder. In: **Anthropoetics**. Chester/Pennsylvania, v. 5, n. 2, .../2000, § 2. Disponível em: <http://www.anthropoetics.ucla.edu/ap0502/blood.htm>. Acesso em: 27 abr. 2016.

³⁸ PERLMUTTER, 2000, cf. § 2. NITSCH, Hermann. **Orgies-Mysteries-Theater**. Day 3: Day of Dionysus. Prinzendorf: s.n. 1998. (Performance Artística). In: <<https://youtu.be/buVnoeamVxw>>. Acesso em: 21 mai. 2019.

³⁹ VATTIMO, Gianni. **O Fim da Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 44.

extático arrebatamento produzido pela violação do *principium individuationis*⁴⁰ (grifo do autor). Assim, o “dionisíaco vale para o trágico porque o trágico não é, como parece a partir de muitos enunciados explícitos de Nietzsche, uma síntese equilibrada de dionisíaco e apolíneo”⁴¹. Na arte e estética pós-moderna, a morte da arte significa a dissolução da dialética existente entre Apolo e Dionísio. Antes Dionísio falava a língua de Apolo e Apolo falava a língua de Dionísio⁴². Agora só restou o dionisíaco ou o apolíneo sem o paradoxo constituinte. Ademais, para Vattimo, “o Crucificado é Jesus Cristo na medida em que se tornou símbolo do mundo cristão; também ele, como Apolo e Dionísio, é um nome histórico no sentido mais amplo do termo”⁴³. Logo, a ordem e o caos, a beleza e a feiura, o agradável e o nauseabundo convivem no mesmo Cristo crucificado. Assim, a arte

[...] pode ser descrita como “orgia dionisíaca grega”, ou seja, como uma dionisíaca que – diferentemente da bárbara – dá lugar a um mundo de formas, a símbolos; mas essas formas são imediatamente subtraídas ao domínio de Apolo; Quando Apolo reestabelece a própria soberania, morre a tragédia e a arte também perece.⁴⁴

Por conseguinte, a morte da arte na Pós-Modernidade significa uma arte extremamente dionisíaca ou extremamente apolínea. No primeiro caso, resta apenas o caos e a desordem. No segundo, apenas a forma é determinante com uma beleza não realista ao mundo verdadeiro. Dionísio é impulso; Apolo é estrutura. Dionísio foi concebido através do adultério de Sêmele com Zeus, gerando o deus do vinho, das festas e da alegria. Dionísio é a “*Wille zur Macht*”, a vontade de potência incessante do ser humano. A arte dionisíaca é a arte do orgíaco e do impulso animalesco do ser humano que não controla suas paixões pela razão; Apolo é meio irmão de Dionísio, pois é filho de Zeus com Leto, a deusa do anoitecer. Leto era uma mãe querida pelos filhos pela proteção que dava a eles. A arte apolínea é a arte da razão, emoção e cuidado. A arte se fundamenta na dialética Dionísio-Apolíneo, i.e., caos e ordem, paixão e razão, animal e humano.

⁴⁰ VATTIMO, Gianni. **Diálogo com Nietzsche**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, p. 183.

⁴¹ VATTIMO, 2010, p. 184.

⁴² Cf. VATTIMO, 2010, p. 185.

⁴³ VATTIMO, 2010, p. 188.

⁴⁴ VATTIMO, 2010, p. 194.

Porém, a dissolução da dialética Dionísio-Apolíneo gerou a arte pós-moderna e também fundamenta as performances violentas e sanguinárias do austríaco Hermann Nitsch.

Expostas estas informações, propõe-se uma leitura livre de algumas das performances do artista austríaco que usa do surrealismo com sangue e violência para retratar a tragédia, o caos e a estética horripilante da crucificação de Cristo. Nitsch não cria suas performances com uma finalidade teológica ou cristã. Ao contrário, suas obras são uma afronta macabra ao cristianismo. Trata-se de uma blasfêmia declarada que debocha da cruz como loucura e escândalo. Serão utilizadas fotos de algumas das suas performances.

A figura 1 apresenta uma mulher nua crucificada horizontalmente com os olhos vendados, presa por cordas. Logo acima dela, foi pendurado um suíno. Na medida em que o suíno foi cortado e aberto ao meio, seu grosso sangue e suas vísceras escorrem pelo corpo nu da mulher crucificada. Há sangue em todo o seu corpo aparente, inclusive nos seios e no rosto. Trata-se de uma orgia mística que debocha do símbolo cristão da crucificação. Por conseguinte, a imagem está mostrando que o Deus cristão é aquele que se tornou um pedaço de carne ensanguentada em uma cruz. Como pode alguém que se entrega e derrama o seu próprio sangue ser Deus? O Deus Jesus Cristo é sanguinolento, sangrento, mutilado. Deus ficou ensopado de sangue em sua cruz, uma imagem nojenta e repulsiva. Este é o Deus dos cristãos: o Deus repulsivo, asqueroso e nauseabundo. Com isso, Nitsch quer dizer que este Cristo é nojento. Se este Jesus Cristo ensanguentado é Deus, então a humanidade está diante da maior brutalidade e bestialidade da sua história.

Para Nietzsche, é esse Deus ensopado de sangue que representa a *decadência* da civilização Ocidental. É sobre esse Deus sanguinolento que o Ocidente tal como era conhecido em seu tempo foi construído. Sem esta loucura do Deus que se torna fraco derramando sangue não há respeito e dignidade humana. Deus poderoso se deixou prender por pregos em um pedaço de madeira cruzada, uma selvageria teológica: Deus foi ferido pelas mãos de homens.

FIGURA 1 - INCUBATE FESTIVAL



FONTE: beeld.nu: http://www.beeld.nu/fotos/3culture/Hermann-Nitsch-nieuw/serie-nitsch/24W48_446252-Hermann-Nitsch.jpg (2009) ⁴⁵

A figura 2 mostra como os atores da mesma performance puxam a carne e as vísceras do porco a fim de que se derrame a maior quantidade de sangue possível. O Deus da cruz é o Deus maldito (Gl 3.13). Jesus foi o cordeiro sem defeito e sem mácula que derramou o seu sangue, o sangue do Ungido, para resgatar o ser humano da sua própria perdição (1 Pe 1.19). Na linguagem veterotestamentária, este é o ferido de Deus, o mais desprezado entre os homens, moído, oprimido, humilhado, como um cordeiro levado ao matadouro (Is 53.4-8). No AT é o cordeiro; aqui é um porco. Para a tradição hebraica, considerava-se blasfêmia o sacrifício do porco no templo.

⁴⁵ Mais fotos deste evento disponíveis em: <<http://www.beeld.nu/html/culture/hermannnitsch.html#/25>>. Acesso em: 27 abr. 2016. Um vídeo do “Incubate Festival” está disponível em: <https://youtu.be/HM0yYyyc_cU> Acesso em: 28. abr. 2016.

FIGURA 2 - INCUBATE FESTIVAL



FONTE: beeld.nu:http://www.beeld.nu/fotos/3culture/Hermann-Nitsch-nieuw/serie-nitsch/25W48_446292-Hermann-Nitsch.jpg (2009)

A mesma carne utilizada durante a performance ou suas sobras são assadas e comidas pelos atores do “espetáculo” como uma Eucaristia, como mostra a figura 3.

FIGURA 3 - INCUBATE FESTIVAL



FONTE: beeld.nu: http://www.beeld.nu/fotos/3culture/Hermann-Nitsch-nieuw/serie-nitsch/33W48_446396-Hermann-Nitsch.jpg (2009)

Por conseguinte, esta é a vergonha de um Deus crucificado, o ultraje do Deus que derrama o seu próprio sangue, a repugnância de um inocente que

morre como se fosse culpado, a náusea do Deus ensopado e sufocado pelo seu próprio sangue. Este é o rebaixamento e esvaziamento de Deus (Fp 2.6-7) até à morte e morte de cruz (Fp 2.8). A redundância da palavra θάνατος (morte) é proposital, pois aquele que é Deus, Jesus Cristo, não morreu qualquer morte, mas (com ênfase), a morte de cruz, a mais horrível e horripilante em seu tempo. A morte da arte pós-moderna fala somente da θάνατος. A morte de Cristo foi a morte de um maldito (Gl 3).

Desse modo, a Pós-Modernidade é o período pós-cristão, pós-histórico e pós-arte que tem em seu projeto o rompimento com tudo aquilo que lembra cristianismo. O único resquício de lembrança é a memória da crucificação como algo espúrio de que o Ocidente precisava se livrar. O único resíduo da crucificação está, na Pós-Modernidade, no escárnio, na chacota de um Deus que se faz fraco.

O Deus cristão é o Deus que derrama sangue sobre seus fiéis e os contamina com sua bondade que é uma resposta à maldade humana da crucificação. Esse Deus arcaico e nojento precisa ser superado para que a Pós-Modernidade tenha seu êxito como retomada à era trágica dos gregos, isto é, na anulação do período d. C. como retorno ao a. C.. Resta do Cristo uma orgia debochada como uma negação a dois mil anos de história pautados em algo tão podre como o Cristo crucificado. Este Deus fez do mundo uma piada, por isso é possível ao Hermann Nitsch debochar dele e tirar dele gargalhadas, tal como alguns fizeram aos pés do verdadeiro crucificado (Lc 23.35-37). Portanto, quem se define como cristão está marcado pela vergonha da cruz⁴⁶ que deve sempre levar e sofrer⁴⁷.

2 A SECULARIZAÇÃO NA MORTE DA MÚSICA

“Os ritmos techno, as síncopes do rap, ao mesmo tempo que embaralham os códigos dos discursos racionais, exigem uma vitalidade que mergulha profundamente suas raízes nos ‘vácuos’ da inteireza humana.” (Michel Maffesoli)⁴⁸

Um dos lugares onde mais se evidencia o niilismo pós-moderno é o

⁴⁶ 1 Co 1.23: “Mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios.” (ARA).

⁴⁷ MEUC. **Vamos Todos Cantar**. 4. ed. São Bento do Sul: União Cristã, 2010, n. 287.

⁴⁸ MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 36.

mercado musical. Só por se falar em “mercado” já se pressupõe o “consumo” que é uma das marcas deste período. A tentativa totalmente humana de preencher o niilismo, i.e., o vazio de sentido da vida, se dá nas danceterias e festas *rave* com o uso extremo de bebidas alcóolicas, drogas e sexo com múltiplos parceiros e/ou parceiras em uma única noite. As frequentes propagandas televisivas encomendadas pelo Governo Federal brasileiro, alertando para o uso de métodos anticoncepcionais ou para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, apontam as consequências de uma sexualidade hedonista. Contudo, isso tudo não é novidade.

Para Nietzsche, o único mérito de Lutero foi o seu casamento que foi um elogio à sensualidade⁴⁹. No artigo primeiro da sua Lei contra o Cristianismo, Nietzsche diz: “A mais viciosa espécie de homem é o sacerdote: ele *ensina* a antinatureza. Contra o sacerdote não se tem razões, tem-se a prisão”⁵⁰ (grifo do autor). E complementa no artigo quatro: “A pregação da castidade é uma incitação à antinatureza. Todo desprezo da vida sexual, toda impurificação da mesma mediante o conceito de ‘impuro’ é o verdadeiro pecado contra o espírito santo da vida”⁵¹. Com isso, Nietzsche faz uma metáfora aludindo a pregação da castidade como o pecado imperdoável contra o Espírito Santo que, para ele, significa o espírito santo da vida. Por conseguinte, voltar-se contra a ardente potência animaléscia de cópula é voltar-se contra a própria natureza humana que quer sentir o prazer do coito a todo custo.

Destarte, homens e mulheres se relacionam, em uma única noite, com vários outros homens e mulheres em uma busca incessante pelo prazer a fim de preencher o vazio existencial que devora a pessoa sem piedade. O hedonismo é a busca incessante pelo prazer a todo custo e a todo momento. Em meio ao sofrimento e a violência cotidianos, a caça pelo bem-estar nunca termina. O sofrimento e a depressão são a todo momento substituídos por diferentes modos de obter prazer a todo custo em uma tentativa eterna de se fazer bem. Buscam-se diversos meios para isso, como as drogas, o erotismo, a pornografia, o orgasmo musical etc. Na mitologia grega, “a *Hedonê* do grego arcaico *Ἠδονή* é a deusa latina Volúpia, filha de Eros e Psiquê. Por derivação, – Hedonê transformou-se no hedonismo, em que o prazer é o supremo bem da vida e, na atualidade, essa

⁴⁹ Cf. NIETZSCHE, 2009, p. 81.

⁵⁰ NIETZSCHE, 2013, p. 435.

⁵¹ NIETZSCHE, 2013, p. 435.

virtude se pode expressar pelo culto ao prazer”⁵². Logo, hedonismo é uma mistura da vontade com o egoísmo.

Assim, o projeto da Pós-Modernidade ressuscita o deus grego Dionísio do caos e da desordem. Conforme Maffesoli, “o êxtase dionisíaco, que segundo Nietzsche ‘destrói os limites e as fronteiras da existência’, exacerba o corpo individual, exhibe-o em espetáculo, para corroborar o corpo coletivo, o corpo da tribo”⁵³. A adoração do dionisíaco é realizada através da alimentação contínua dos prazeres do corpo que não enxerga mais limites ou fronteiras, mas busca o gozo a qualquer custo. Logo, “a vida dionisíaca também é um flerte com a morte”⁵⁴, i.e., uma relação amorosa com aquelas coisas que deviam ser evitadas justamente por prejudicarem e até eliminarem a vida humana, a exemplo das drogas ou da Aids.

Em Nietzsche, o renascimento de uma civilização trágica traz consigo também a arte dionisíaca⁵⁵. Como já citado, “o dionisíaco vive inteiramente do horror e do extático arrebatamento produzido pela violação do *principium individuationis*”⁵⁶. A Pós-Modernidade é marcada pelo renascimento de uma cultura dionisíaca e erótica sustentada pelo satisfazer contínuo da vontade de potência (*Wille zur Macht*) do próprio ego. “Dionísio é uma figura emblemática que não se preocupa com a ação organizada que é a economia do mundo, nem com a previsibilidade familiar que é a economia sexual”⁵⁷. Conquanto, para Westphal, “O desejo é o impulso de consumir, que por sua vez é a vontade de absorver, devorar e aniquilar”⁵⁸.

Portanto, em Nietzsche há uma substituição do Cristo pelo Dionísio. Nietzsche quer ser o fundador deste novo estado da vida humana que vive um docetismo antropológico:

⁵² OLIVEIRA GUIMARÃES, Maria da Conceição. Amor e morte em Dido, a Rainha de Cartago, de Christopher Marlowe, e Eneida, de Virgílio. In: **Revista Brasileira de Literatura comparada**. São Paulo, v. 1, n. 23,/2013, p. 179.

⁵³ MAFFESOLI, 2004, p. 161.

⁵⁴ MAFFESOLI, 2004, p. 127.

⁵⁵ Cf. VATTIMO, 2010, p. 182.

⁵⁶ VATTIMO, 2010, p. 183.

⁵⁷ MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 132.

⁵⁸ WESTPHAL, Euler Renato. A Pós-Modernidade e as verdades universais: a desconstrução dos vínculos e a descoberta da alteridade. In: CARVALHO LAMAS, Nadja de; RAUEN, Taiza Mara (orgs.). **(Pro)Posições Culturais**. Joinville: Univille, 2010, p. 21.

A vontade de aparência, de ilusão, de engano, de vir-a-ser mudar (de engano objetivado), é tomada aqui como mais profunda, mais originária, mais “metafísica” do que a vontade de verdade, de efetividade, de aparência: mesmo esta última é meramente uma forma da vontade de ilusão. Do mesmo modo, o prazer é tomado como mais originário do que a dor: a dor somente como condicionada, como um fenômeno que decorre da vontade de prazer (da vontade de vir-a-ser, crescer, dar forma, isto é, de criar: e no criar está incluído o destruir). É concebido um estado supremo de afirmação da existência, do qual nem mesmo a suprema dor pode ser excluída: o estado trágico-dionisiaco.⁵⁹

Nietzsche viu em Richard Wagner a responsabilidade pela implementação do dionisiaco na música. Wagner agradava muito o Nietzsche jovem, mas a amizade foi rompida entre 1875-1876 após uma série de desentendimentos⁶⁰. As valquírias, deusas da mitologia nórdica, “eram grandes guerreiras e que realizavam ‘papéis’ tidos como masculino”⁶¹. É com base nisso que em 1856 Wagner compôs sua ópera *Walkürenritt* onde está a famosa “Cavalgada das Valquírias”⁶². Como diz Mercè Saumell,

[...] a Ópera nos seduz: entornos luxuosos, máscaras e disfarces, notoriedade, ambiguidade sexual (dos contratenores e das mezzo sopranos travestidas) e o desafio das normas. A Ópera nos remete ao excesso, a uma atmosfera hiper carregada de espetacularidade. Em uma época na qual o silêncio equivale à morte, a ópera nos rodeia e atrai com suas sugestivas vozes e sensualidades.⁶³

Assim, Richard Wagner “já demandava uma unificação criativa de várias disciplinas artísticas: poesia, música, dança, cenografia, iluminação,

⁵⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A Arte em “O Nascimento da Tragédia” – 1888. In: NIETZSCHE, 1983, p. 28.

⁶⁰ Cf. BACKES, 2013, p. 570.

⁶¹ GODOY, Fernanda. Sobre as mulheres vikings e as questões de gênero no medievo. In: **Medievalis**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, .../2014, p. 2. Disponível em: <<http://medievalis.nielim.com/ojs/index.php/medievalis/article/view/41/40>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

⁶² Disponível para ouvir em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Richard_Wagner_-_Ride_of_the_Valkyries.ogg>. Acesso em: 29 abr. 2016.

⁶³ SAUMELL, Mercè. Ópera e emoção. In: **Moringa**. João Pessoa, v. 3, n. 1, jan-jun/2012, p.74. Disponível em: <<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/12757/7335>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

arquitetura...”⁶⁴.

Nietzsche realmente acreditava que seria possível “realizar uma gênese da tragédia, o seu apogeu e declínio”⁶⁵. Ao romper com Wagner, Nietzsche encantou-se pelas Óperas do compositor francês Georges Bizet (1838-1875) por causa de sua “música inebriante e inovadora”⁶⁶. Para Nietzsche, as obras de Bizet são uma antítese ao idealismo wagneriano⁶⁷.

A Ópera *Carmen*

[...] descreve a paixão avassaladora de um cabo da guarda real de Sevilha, Don José, por uma cigana lasciva e sedutora, Carmen, que usa das suas habilidades pessoais, como o seu belo canto, seu corpo sensual e a aptidão para a dança, para conquistar a satisfação de seus objetivos e desejos. A cigana Carmen é uma personagem que a placidez do espírito apolíneo certamente consideraria como a própria manifestação da desmedida, pelo fato desta mulher expressar uma exuberância vital através de seu próprio corpo, utilizando de sua “sensualidade meridional”, uma desmesura explosiva de afetos e de atitudes impetuosas, desafiando então todos os limites, códigos ou valores morais que venham a se opor aos caminhos que a paixão e a vontade lhe apontam.⁶⁸

Por conseguinte,

[...] encontramos o pólo dionisíaco, a ébria força engendradora da vida, impulso que, na ópera, se manifesta na figura de Carmen, que, com sua sensualidade, conquista o âmago do jovem militar, que enlouquece inteiramente diante da beleza fatal da cigana e dos seus poderosos artificios de sedução, a flor que lhe atira no peito ou a dança.⁶⁹

Embora Wagner não tenha agradado a Nietzsche por não completar um retorno à era trágica dos gregos, Nietzsche passa a gostar das Óperas de Bizet,

⁶⁴ SAUMELL, 2012, p. 75.

⁶⁵ BITTENCOURT, Renato Nunes. O trágico na música: a Carmen de Bizet como expressão da tensão apolíneo-dionisíaca. In: **Exagium**. Ouro Preto, 9. ed., .../2011, p. 68. Disponível em: http://www.revistaexagium.ufop.br/PDF/Edicoes_Passadas/Numero9/6.pdf. Acesso em: 29 abr. 2016.

⁶⁶ BITTENCOURT, 2011, p. 69.

⁶⁷ Cf. BITTENCOURT, 2011, p. 69.

⁶⁸ BITTENCOURT, 2011, p. 70.

⁶⁹ BITTENCOURT, 2011, p. 72.

especialmente *Carmen*⁷⁰, por causa do seu “polo dionisíaco.” Nietzsche diz: “Essa música me parece perfeita. Aproxima-se leve, sutil, com polidez. É amável, não transpira (...). Esta música é maliciosa, refinada, fatalista: no entanto, permanece popular”⁷¹. Nietzsche inclusive usou “o nome de Bizet para criticar o idealismo romântico de Wagner e sua impossibilidade de representar o renascimento da arte trágica na cultura moderna”⁷². Portanto, Nietzsche passa a ver o renascimento da era trágica dos gregos na Ópera sensual e dionisíaca de Bizet, pois a orgia musical passa a fazer parte deste teatro musical que rompe com a ordem apolínea do mundo pregada especialmente pelo cristianismo em seu ascetismo que Nietzsche considerava maldito. O próprio Nietzsche compôs algumas músicas, entre elas “canções, mazurcas, fragmentos para piano, sonatas, motetos, poemas sinfônicos e um oratório inclusive”⁷³.

Desse modo, a morte da arte em Nietzsche significa também a *morte da música*. O caos substituiu a música bela, harmoniosa e uniforme das escolas de Bach e Beethoven, por exemplo. Dito de outra forma, a música é secularizada na medida em que abandona o Ocidente em suas raízes judaico-cristãs. É o pensamento judaico-cristão que sustentou a música harmoniosa, mesmo na música secular. Bach, por exemplo, era luterano⁷⁴.

Nietzsche era luterano e Bizet era católico, contudo, ambos romperam com a visão de mundo judaico-cristã em suas obras, sejam elas literárias ou musicais. Assim, embora Nietzsche não tenha conseguido executar seu projeto de um renascimento da era trágica dos gregos por meio da música de Wagner, ele viu uma segunda alternativa na música sensual, irônica e dionisíaca de Bizet. Nietzsche e Bizet são o ocaso da música ocidental. O elemento dionisíaco, orgiaco e sexual passa a ser um elemento imprescindível da nova era da música no

⁷⁰ Disponível para ver e ouvir em: <https://youtu.be/M1VJ40D60mI>. Acesso em: 29 abr. 2016.

⁷¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Caso Wagner**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 11-12. *apud* BITTENCOURT, 2011, p. 78.

⁷² BITTENCOURT, 2011, p. 79.

⁷³ MORAES BARROS, Fernando R. de. **O pensamento musical de Nietzsche**. 2005. 110 f. Dissertação (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Filosofia, da Faculdade de Filosofia, Letras Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, p. 12. (Nota de Rodapé n. 1).

⁷⁴ Cf. BEALE, Simon Russell. Bach e o legado luterano. Documentário. Inglaterra: BBC, 2008. *apud* Programa acervo. Brasília: TV Escola. 13 de Maio de 2013. Programa de TV. Disponível em: <https://youtu.be/w0blpA4-9co>. Acesso em: 29 abr. 2016.

Ocidente. Outro exemplo clássico é a obra *Carmina Burana* de Carl Orff (1895-1982), uma obra repleta de excitação, metáforas obscenas e misticismo antigo, como a roda da fortuna⁷⁵.

A Pós-Modernidade apenas amplificou *a morte da música* por meio da diversidade de novos instrumentos musicais que surgiram no sec. XX, alguns graças à eletricidade como a guitarra. Novos ritmos musicais como o *techno* e o *funk* surgem como músicas para o corpo e não somente para o ouvido ou apreciação intelectual. A música passa a ser uma forma hedonista de viver e festejar o vazio em uma tentativa humana de preenchê-lo:

Nunca será demais repetir como os ajuntamentos techno, as múltiplas oportunidades de fazer festa, o sucesso das boates, dos lugares de trocas sexuais, tudo isto relembra que, ao contrário de uma simples “economia” de si, existem culturas que repousam essencialmente na despesa, no consumo, na destruição. Coisas perseguidas pela imperfeição, o mal, a sede do infinito.⁷⁶

A sede pelo infinito dentro do finito é consequência direta do niilismo, i.e., da falta de sentido e objetivo para a existência humana. A música torna-se em um psicoativo para mergulhar em uma eternidade, não dentro do tempo cronológico, mas dentro do tempo estabelecido pelo ritmo contagiante da música. Por conseguinte, “o orgasmo musical e as drogas que lhe servem de coadjuvantes são um ‘método’ trágico de gritar e viver a eternidade. Uma eternidade imanente, enraizada no húmus. Numa palavra, uma eternidade humana”⁷⁷.

No atual cenário internacional, a cantora norte-americana Katy Perry adotou o orgasmo musical em suas letras e performances de palco. Filha de pastores evangélicos⁷⁸, Katy Perry começou sua carreira em uma igreja evangélica antes da fama⁷⁹. “Depois de se tornar Katy Perry e se ‘converter’ ao *pop-rock*, ela

⁷⁵ A ópera está disponível para ser assistida em: <https://youtu.be/Gj-tBVq61as>. Acesso em: 29 abr. 2016.

⁷⁶ MAFFESOLI, 2004, p. 80.

⁷⁷ MAFFESOLI, 2004, p. 161.

⁷⁸ Cf. MOZDZENSKI, Leonardo. A construção multimodal do *ethos* no gênero videoclipe. In: **Interseções**. Jundiaí, 10. ed, n. 2, nov./2013, p. 12. Disponível em: <http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/intersecoes/pdf/intersecoes_ano_6_numero_2.pdf#page=3>. Acesso em: 29 abr. 2016.

⁷⁹ Cf. LOPES DOS SANTOS, Fábio. **O ensino e aprendizagem da música gospel**. 2013. 42 f. Monografia (Licenciatura em Música) – Escola de Música da Universidade

gravou um disco chamado (...) Katy Perry, o qual também teve seu lançamento cancelado por motivos comerciais⁸⁰. A cantora ascendeu e foi eleita a artista do ano pelo canal MTV⁸¹ em 2012. *Firework* é o seu clipe⁸² mais famoso.

Algumas músicas da cantora destacam-se pelo orgiasmo musical tal como Maffesoli já definiu, pois a cantora possui várias músicas com letras eróticas e metáforas explícitas à subversão sexual. Katy Perry pode ser imaginada como uma das *Carmen's* do sec. XXI. *Peacock*⁸³, por exemplo, repete frequentemente: “eu quero ver o seu pavão, vão, vão”⁸⁴. No inglês acontece um jogo de palavras que não aparece na tradução literal em português: *peacock* significa literalmente pavão, *cock* literalmente significa galo, contudo, vulgarmente significa o órgão sexual masculino, i.e., o pênis, ou, no português vulgar “pau, pica”. Por conseguinte, pavão e galo são uma metáfora musical que, na verdade, significam o pênis do parceiro fictício da música. Ela canta: “Dizem por aí que você tem algo para me mostrar, mágico, colorido, Sr. Mistério-o. Estou intrigada, para dar uma espiada. Ouvi dizer que é fascinante. Vamos bebê, me deixe ver o que você está escondendo aí embaixo”⁸⁵. Assim, o próprio contexto maior da música deixa claro que *peacock* e *cock* referem-se ao pênis de um personagem não nomeado na música. A música *Sex Sells* diz: “amo as preliminares, sabemos que vai dar tudo de qualquer maneira porque tudo o que eu estou vendendo é ... sexo sexo em seu rádio, vendendo o sexo sexo apenas como uma máquina”⁸⁶. A música *I Kissed a Girl* diz: “Eu beijei uma garota, e gostei disso, o gosto de seu brilho de cereja. Eu

Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013, p. 22.

⁸⁰ MOZDZENSKI, 2013, p. 12.

⁸¹ Cf. MOZSZENSKI, 2013, p. 13.

⁸² PERRY, Katy. **Firework**. In: PERRY, Katy. **Teenage Dream: The Complete Confection**. Montana: Capitol Records, p2012. 1 CD. Faixa 4. Disponível em: <<https://youtu.be/QGJuMBdaqIw>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

⁸³ PERRY, Katy. **Peacock**. In: PERRY, Katy. **Teenage Dream**. Montana: Capitol Records, p2010. 1 CD. Faixa 5. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:05_Peacock.ogg>. Acesso em: 29 abr. 2016.

⁸⁴ PERRY, p. 2010. Faixa 5. “*I wanna see your peacock, cock, cock*”.

⁸⁵ PERRY, p2010. Faixa 5. “*Word on the street, you got somethin’ to show me, ee Magical, colorful, Mr. mystery, ee I’m intrigued, for a peek Heard it’s fascinating Come on baby let me see What you’re hiding underneath.*”

⁸⁶ PERRY, Katy. **Sex Sells**. Disponível em: <<https://youtu.be/kYYQG6jo1w>>. Acesso em: 29 abr. 2016. “*let’s get to foreplay we know were gonna do it anyways Caz all I’m sellin is... sex sex on your radio sellin is sex Sex just like a machine.*”

beijei uma garota, apenas para experimentar, eu espero que meu namorado não se importe. Pareceu tão errado, pareceu tão certo.”⁸⁷ Assim, em *Sex Sells*, a cantora se denomina como uma “prostituta” a vender seu corpo como uma máquina de prazer. Notam-se também as duas questões morais colocadas pela própria cantora em *I Kissed a Girl*: “parece tão errado, parece tão certo”. A própria cantora se coloca diante de um paradoxo moral, a saber, pode ser errado beijar alguém do mesmo sexo, mas os tempos são outros e agora beijar uma garota e gostar disso pode não ser tão errado assim.

Estas músicas são apenas alguns exemplos do que está sendo vendido no mercado musical internacional. Estas e outras músicas são ouvidas pelos adolescentes e jovens que nasceram nos anos 90 ou no século XXI. Com o fim da visão de mundo judaico-cristã, propaga--se uma sexualidade subversiva que transforma a própria sexualidade em empiria, uma busca constante pelo gozo com o maior número de parceiros ou parceiras possível em uma só noite.

No contexto brasileiro, o *funk*, que outrora era discriminado por ser fútil e vulgar, tem ganho cada vez mais espaço na mídia brasileira, seja em telenovelas⁸⁸ ou apresentações em programas de auditório⁸⁹. O *funk* foi, inclusive, uma das questões discursivas da Formação Geral no ENADE 2015⁹⁰. Conquanto, a música originalmente tocada e dançada nas favelas está também tomando conta das universidades brasileiras, como o caso Carolina Portaluppi, filha do ex-jogador do Grêmio, Renato Gaúcho, na PUC-Rio em 2013⁹¹.

Logo, destaca-se no cenário brasileiro a música *Trampolim* do MC Dudu. Seu *funk* é obsceno ao extremo, pois ao invés de usar metáforas, utiliza-se

⁸⁷ PERRY, Katy. *I Kissed a Girl*. In: PERRY, Katy. **One of the Boys**. Londres: EMI, p2008. 1 CD. Faixa 2. “*I kissed a girl and I liked it, the taste of her cherry chapstick. I kissed a girl just to try it, I hope my boyfriend don’t mind it. It felt so wrong, it felt so right.*”

⁸⁸ Como o personagem “MC Melô” da novela “A Regra do Jogo” da Rede Globo (2015-2016).

⁸⁹ Como o programa “Domingo Legal” (Rede SBT), apresentado por Celso Portioli, que tem recebido diversos cantores ou grupos *funk*.

⁹⁰ SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR - SINAES. **Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE**. Teologia. Fascículo 12. Novembro 2015, p. 3. Disponível em: < http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2015/12_teologia.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2016.

⁹¹ Cf. notícia disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/dkjtur21ntam/filha-de-renato-gaucha-danca-funk-em-trote-de-faculdade-04024C1C376CD4B14326?types=A&>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

de termos figurativos do português vulgar como “pau”⁹², “pica” etc. Uma de suas letras diz: “As meninas de hoje em dia, elas estão fenomenal, as meninas de hoje em dia, elas estão fenomenal, brincou de trampolim em cima do meu pau, brincou de trampolim em cima do meu pau”⁹³. E continua: “A partir desse momento as meninas faz assim, faz o meu pau de trampolim, assim, assim. Pula! Pula! Pula em cima da pica dura”⁹⁴. Por conseguinte, não se trata apenas da morte da música, mas, ao mesmo tempo a morte da própria gramática e sintaxe, pois há problemas na concordância nominal e verbal. Destarte, a sexualidade explícita passa a fazer parte das novas músicas no contexto brasileiro em substituição à antiga (e arcaica) música que elogiava o feminino sem ser vulgar, como, por exemplo, a música “Garota de Ipanema” de Vinícius de Moraes e Antônio Carlos Jobim⁹⁵.

Deste modo, a cultura popular tem se tornado em um meio de comunicação da morte da arte na Pós-Modernidade. Veículos como rádio, televisão e internet são fundamentais para a execução desta trágica missão. O orgíaco na música é um rompimento claro com a tradição judaico-cristã que defende, no lado luterano, uma sexualidade vivida como expressão de relação, confiança e construção comum de existência⁹⁶.

Nietzsche percebeu que o cristianismo atrapalhava a liberdade sexual e por isso o filósofo alemão amaldiçoou o cristianismo por ser ascético demais. Ao mesmo tempo, ao romper com Wagner, Nietzsche se aproximou das composições de Bizet que são ainda mais sensuais. Este orgasmo musical tem se amplificado no decorrer dos anos através dos novos estilos musicais e da própria vontade de potência (vontade de pecar) humana. O projeto musical de um Ocidente dionísio só é possível através da descristianização total. O futuro é incerto; contudo, é possível que um dia não exista mais uma classificação indicativa para certos

⁹² Significa vulgarmente pênis, cf. SCOTTINI, Alfredo. **Dicionário Escolar**. Blumenau: Todo Livro, 2009, p. 405.

⁹³ MC DUDU. **Trampolim**. São Paulo: DJ Perera, 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/0jVILeST7vY>>. Acesso em: 29 abr. 2016.

⁹⁴ MC DUDU, 2014.

⁹⁵ MORAES, Vinícius de; JOBIM, Antônio Carlos. Garota de Ipanema. Intérprete: Tom Jobim. In: JOBIM, Tom. **Tide**. Los Angeles: A & M Records, p1970. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 1. Disponível em: <https://youtu.be/lg_afqmeZoE>. Acesso em: 29 abr. 2016.

⁹⁶ LUTERO, Martinho. Da vida Matrimonial. **Obras Seleccionadas**. v. 5. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 1995, p. 160-183.

conteúdos televisivos ou da web, mas que tudo esteja explicitamente disponível a todos a partir da bandeira da *igualdade etária*. É o que previu Aldous Huxley em 1936:

[...] num pequeno espaço gramado entre altas moitas de urzes mediterrâneas, duas crianças, um garoto de cerca de sete anos e uma menina que poderia ter um ano a mais, dedicavam-se muito seriamente, com toda a concentração de sábios absortos em algum trabalho de descoberta, a um jogo sexual rudimentar.⁹⁷

Por conseguinte, no “Admirável Mundo Novo”, o ascetismo cristão é visto como um passado já superado e que causa histeria e espanto:

Durante um período muito longo antes do Nosso Ford, e até no decurso de algumas gerações ulteriores, os brinquedos eróticos entre crianças eram considerados anormais (houve uma gargalhada); e não apenas anormais, mas realmente imorais (não!); e eram, portanto, rigorosamente reprimidos.⁹⁸

Através da secularização e descristianização, exemplificadas pelas músicas já citadas, o “Admirável Mundo Novo” de Aldous Huxley tem todo o potencial para sair da ficção científica e se tornar em realidade.

3 IMPLICAÇÕES DA CRISTOLOGIA EM UMA CULTURA PÓS-HUMANA

“Deus morreu, mas o homem não vai muito bem.” (Gianni Vattimo)⁹⁹

A Pós-Modernidade é uma consequência direta da secularização do protestantismo, pois, conforme Vattimo, a partir da *kénosis*, o próprio protestantismo gerou o niilismo por causa da secularização. Para solucionar o problema da morte da metafísica clássica anunciada por Nietzsche, Vattimo reinterpreta a morte de Deus a partir da Fp 2.7 a fim de conferir dignidade aos fracos e malogrados do mundo.

⁹⁷ HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 21. ed. São Paulo: Globo, 2012, p. 64.

⁹⁸ HUXLEY, 2012, p. 65.

O filósofo italiano está correto em afirmar que a morte de Deus nietzschiana causa uma crise no humanismo, afinal de contas, é o Deus que se fez fraco que confere dignidade aos fracos e considerados inválidos da sociedade. Se, conforme Nietzsche, Deus morreu, então o humanismo tem que ser sepultado com ele. Para Vattimo, “é inegável que subsiste uma conexão entre crise do humanismo e morte de Deus”¹⁰⁰. Assim, só há igualdade entre fracos e fortes por meio da dignidade que a visão de mundo (*Weltanschauung*) judaico-cristã confere a todos independentemente das suas diferenças (ou dos *acidentes*, como diria Aristóteles).

A visão de mundo grega valorizava os belos, os fortes, os valentes, os sábios etc. Na visão grega, “no mundo não há nada igual a nada. A igualdade não passa de uma operação matemática, um recurso da razão”¹⁰¹. Logo, a ideia de que existem objetos iguais no cosmos não passa de uma ideia equivocada da mente humana, pois, na verdade, não existe uma coisa sequer que seja totalmente igual a outra. É a mente humana que distingue o circular do retangular. Ao mesmo tempo, para os gregos, é a mente humana que enxerga dois círculos como iguais embora eles não possam ser totalmente iguais, mas apenas parecidos. Para ficar com um exemplo de Clóvis de Barros Filho, “de um lado, existem galinhas que você encontra no mundo usando os sentidos do corpo e, de outro, existe a ideia que você tem de galinha, que não se encontra dando uma volta por aí, com seu próprio corpo e sentidos”¹⁰². Portanto, são os esquemas mentais que definem o que é uma galinha e que passam a identificá-la no mundo físico. Para os gregos, só há igualdade na razão, pois o mundo físico é marcado por acidentes, assimetrias, disfunções e disparidades.

Se o mundo é marcado por acidentes em função da matéria que é má, também os seres humanos são valorados a partir das suas aptidões físico-mentais. Para Platão, “o exercício de se atribuir corretamente valor às coisas do mundo não é para qualquer um. Só uma parte insignificante da população consegue se aproximar desse tipo de competência: os filósofos”¹⁰³. Por conseguinte, “a reflexão sobre o valor se torna pertinente exatamente quando existe contingência.

¹⁰⁰ VATTIMO, 2007, p 17-18.

¹⁰¹ BARROS FILHO, Clóvis; POMPEU, Júlio. **Somos Todos Canalhas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: 2015, p. 28.

¹⁰² BARROS FILHO; POMPEU, 2015, p. 29.

¹⁰³ BARROS FILHO; POMPEU, 2015, p. 54.

Quando existe possibilidade de ser diferente do que se é¹⁰⁴. Assim, para a visão de mundo grega, os acidentes que diferenciam algumas coisas de outras tornam-se no critério para avaliar o que é bom e o que é ruim. Para os gregos, tudo são coisas, inclusive o ser humano.

A visão de mundo judaico-cristã na pessoa e obra de Jesus Cristo rompeu com a cosmovisão grega. O ser humano não é um objeto ou uma coisa no cosmos, mas foi projetado por um Criador que criou o cosmos para ele, pois, se para os estoicos era praticamente impossível o ser humano se tornar divino, no pensamento cristão “o homem é Filho de Deus”¹⁰⁵. Na visão de mundo judaico-cristã, o cosmos simplesmente se tornou em um cenário para que o ser humano viva, homem e mulher, podendo desfrutar com respeito das dádivas da natureza criada por Deus.

Por conseguinte, o ser humano não pode ser valorado, pois ele não é apenas mais uma “coisa” da natureza, mas foi criado à imagem e semelhança de Deus. Ao contrário de valor, o ser humano passa a ter dignidade: “Dignidade não é valor, e sim impossibilidade de valor. Dignidade é a condição de existência de algo que valora, sendo que ele mesmo, enquanto coisa que valora, não pode ser valorado. (...). Tratamento digno é não valorar”¹⁰⁶. Para o pensamento cristão, o ser humano não possui um valor instrumental, i.e., um valor dado através do cumprimento da sua finalidade no mundo, mas uma dignidade intrínseca a ele.

Barros Filho diz: “o abestado, o monstruoso, o fraco, o raquítico, o deficiente. Graças ao pensamento cristão, todos esses passam a ter a mesma dignidade que o forte, o belo, o extremamente inteligente, o competente, o astucioso, o deslumbrante”¹⁰⁷. Desse modo, “o pensamento cristão inaugura a ideia de igualdade. Uma igualdade que não é de fato, porque de fato somos desiguais. Mas uma igualdade que é de direito”¹⁰⁸. Assim, torna-se claro que é a visão de mundo judaico-cristã que confere a mesma dignidade a diferentes pessoas. O sistema de valoração grego valoriza à medida que a pessoa é útil e

¹⁰⁴ BARROS FILHO; POMPEU, 2015, p. 66.

¹⁰⁵ BARROS FILHO, Clóvis de. Deus. In: **Grandes desafios da Modernidade**. 1., 2010, UNIMED Vitória. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K1Si10LpfOc>. Acesso em: 29 abr. 2016.

¹⁰⁶ BARROS FILHO; POMPEU, 2015, p. 209-210.

¹⁰⁷ BARROS FILHO; POMPEU, 2015, p. 114.

¹⁰⁸ BARROS FILHO; POMPEU, 2015, p. 114.

competente para cumprir a sua finalidade no cosmos. Já o sistema da dignidade humana trazido por Jesus dá a mesma dignidade a todos, independentemente se a sua finalidade é cumprida ou não. Portanto, é o cristianismo que confere igualdade e dignidade a todos independentemente da sua profissão, cargo, classe social etc.

Como o cristianismo concebeu êxito neste novo sistema? Através do amor cristão ensinado e praticado por Jesus. Conforme Barros Filho: “Qual a condição de uma vida bem vivida antes da morte? É o amor. O amor ágape”¹⁰⁹. Logo, “este amor que sentimos uns pelos outros é uma espécie de extensão do amor de Deus por nós”¹¹⁰. Assim, estabelece-se um paradoxo, pois “Deus, que é perfeito, ama a imperfeição. Ama suas criaturas imperfeitas”¹¹¹. Ágape é o amor incondicional que Deus tem pelas suas criaturas imperfeitas, ao ponto dele mesmo morrer em uma cruz para mostrar, na prática, o que é “agapear.”

É a partir do amor cristão que todos ganham dignidade independentemente dos acidentes que os diferenciam uns dos outros. O cristianismo não nega que hajam diferenças, contudo, além das diferenças, enxerga um ser humano criado à imagem e semelhança de Deus. Os diversos temas da “igualdade” não podem ser desassociados da visão de mundo judaico-cristã que confere dignidade tanto à mãe quanto ao feto, por exemplo, no caso do aborto¹¹². A *Weltanschauung* judaico-cristã rompeu com a *Weltanschauung* grega. Este rompimento também pode ser expressado quando se fala de uma história antes de Cristo e depois de Cristo. A Pós-Modernidade é, em grande medida, um rompimento com a visão de mundo judaico-cristã que tenta resgatar o período pré-cristão através da continuada descristianização do Ocidente.

Se é a visão de mundo judaico-cristã que confere dignidade ao ser humano, a Pós-Modernidade, como período pós-histórico, pós-arte e pós-cristão, elimina a dignidade humana como um elemento fundamental do Ocidente. Ressaltam-se os direitos individuais em detrimento dos direitos dos fracos que não podem ou não sabem se defender. Conquanto, é a morte de Deus, anunciada

¹⁰⁹ BARROS FILHO; POMPEU, 2015, p. 128.

¹¹⁰ BARROS FILHO; POMPEU, 2015, p. 128.

¹¹¹ BARROS FILHO; POMPEU, 2015, p. 128.

¹¹² Estas são discussões éticas que necessitam da interdisciplinaridade para o debate. Infelizmente, não há espaço aqui para esta discussão. Por isso, sugere-se a leitura de: WESTPHAL, Euler Renato. **O Oitavo Dia**. Na Era da Seleção Artificial. São Bento do Sul: União Cristã, 2004.

por Nietzsche como morte da cosmovisão judaico-cristã, que acaba gerando uma crise no humanismo.

Como já foi citado, Nietzsche diz: “O que é mais danoso do que qualquer vício? – A compaixão ativa por todos os malogrados e fracós – o cristianismo...”¹¹³. Por conseguinte, a defesa do aborto, do *After-birth* abortion, da eutanásia infantil¹¹⁴, da eugenia e do transumanismo só são possíveis em uma visão de mundo pós-humana que rompeu com a dignidade humana pautada no cristianismo. É a anulação (ou superação) da cristologia, i.e., do Deus que se esvaziou a si mesmo assumindo a forma de servo e encarnando neste mundo, que anula a dignidade humana aos débeis, franzinos e pobres da sociedade.

Conforme Vattimo, “o humanismo está em crise porque Deus está morto; isto é, a verdadeira substância da crise do humanismo é a morte de Deus, anunciada não por acaso por Nietzsche, mas que é também o primeiro pensador radical não-humanista da nossa época”¹¹⁵. O pós-humanismo também é uma consequência da secularização, pois o pós-humanismo está imbricado no niilismo que é a vocação da secularização. Sem a metafísica, o ser humano passa mal, pois “não há humanismo a não ser como desenvolvimento de uma metafísica em que o homem determina um papel para si, que não é necessariamente central ou exclusivo”¹¹⁶.

Tal como Barros Filho e Júlio Pompeu asseveram que a dignidade humana está pautada no rompimento executado por Cristo através do seu amor pelos imperfeitos e desvalorizados, para Vattimo, “a morte de Deus – momento culminante e, ao mesmo tempo, final da metafísica – também é, inseparavelmente, a crise do humanismo”¹¹⁷.

Na Pós-Modernidade, o ser humano deixa de ser um sujeito autoconsciente e subjetivo e passa a ser, novamente, uma “coisa” como qualquer outra, tal como pensavam os gregos antes de Cristo. No pensamento cristão, coisas podem ser valorizadas, mas pessoas não, pois são dignas. No pensamento grego, tudo pode ser valorizado e nada é digno, pois tudo e todos são coisas a

¹¹³ NIETZSCHE, 2013, p. 373.

¹¹⁴ Cf. notícia disponível em: <http://www.bioedge.org/bioethics/dutch-paediatricians-see-child-euthanasia/11857>. Acesso em: 30 abr. 2016.

¹¹⁵ VATTIMO, 2007, p. 18.

¹¹⁶ VATTIMO, 2007, p. 19.

¹¹⁷ VATTIMO, 2007, p. 19.

cumprir alguma função no cosmos. Em outras palavras, com a morte de Deus, o ser humano também morreu: “a crise do humanismo contemporâneo é crise na medida em que falta qualquer base possível de ‘reapropriação’ – isto é, na medida em que é inextricavelmente ligada à morte de Deus e ao fim da metafísica”¹¹⁸.

É por isso que Vattimo, na tentativa de salvar o humanismo da morte, resguarda insuficientemente a dimensão da *kénosis* de Deus. Assim, o humanismo não seria mais mantido pela metafísica (que não existe), mas pelo Deus que se esvaziou, se fez carne e morreu, a saber, Jesus Cristo. Esta seria uma tentativa de manter o humanismo vivo mesmo na morte da metafísica. Vattimo está do lado dos fracos porque Deus, que se tornou pessoa, também esteve. Do ponto de vista filosófico, a proposta de Gianni Vattimo afirma a compreensão de dignidade humana da tradição judaico-cristã, pois a filosofia é órfã e não precisa, por meio de dogmas, manter certos costumes e ideias. Já do ponto de vista teológico, a proposta vattminiana é problemática porque Deus se tornou secularizado demais e também por ignorar a exaltação de Cristo Jesus, conforme Fp 2.9-11.

A proposta do filósofo italiano é, portanto, a manutenção do humanismo por uma via sem metafísica, afinal de contas, Deus se fez carne e habitou entre seres humanos (Jo 1.14). A relevância de Cristo para a Pós-Modernidade reside justamente no fato de que sem ele não existe mais humanidade, mas apenas a supra-humanidade como superação do velho humanismo compassivo. O *Übermensch* superou o humanismo. Por conseguinte, o humanismo é um valor arcaico e sem utilidade para a Pós-Modernidade.

A secularização do protestantismo levou o Ocidente a um avanço técnico-científico. Basta lembrar da viagem do ser humano à lua ou das diversas sondas espaciais enviadas pela NASA a fim de investigar e descobrir mais sobre o universo. A ciência e a tecnologia têm permitido ao ser humano um desenvolvimento como nunca visto na história. A ciência e a tecnologia possuem seu fundamento e razão. Todavia, a morte da metafísica desumaniza a ciência. Por conseguinte, defende-se, a partir da cosmovisão judaico-cristã fundante do Ocidente, que o avanço que não enxerga o outro é um retrocesso.

A humanidade tem conquistado através do domínio da técnica coisas que até cem anos atrás seriam impossíveis, como o tratamento de alguns cânceres, por exemplo. Entretanto, a mesma técnica pode ser usada para o malefício, a

¹¹⁸ VATTIMO, 2007, p. 33.

exemplo da eugenia da Alemanha nazista da II Guerra Mundial. Com a morte de Deus, a técnica torna-se facilmente violenta e utilitarista. Ao invés de proteger a vida humana, a técnica, se usada de modo desumano, elimina a vida humana, como a constante pesquisa e produção de bombas atômicas ou bombas de hidrogênio.

Assim, quem defende os direitos humanos precisa se saber como inexoravelmente cristão, ainda que não creia na metafísica. A partir do exposto, não há como defender o humanismo sem ser cristão. É a visão de mundo judaico-cristã, como substituinte da visão de mundo grega, que prevê a dignidade para todos, independentemente dos evidentes acidentes que diferenciam algumas pessoas de outras. Sem a cosmovisão judaico-cristã, tudo o que o Ocidente conquistou em um processo de quase dois mil anos de história cai por água abaixo. Sem a visão judaico-cristã, o Ocidente humano desaba. Vattimo faz bem em resgatar a dimensão do Jesus Cristo *kenótico*, mas sua cristologia ainda é insuficiente, pois lhe falta a escatologia que mantém a linearidade do tempo e o objetivo que é a ressurreição dos mortos. No contexto da tradição judaico-cristã não se pode negar a matéria e o mundo físico, mas também não se pode perder a escatologia como alvo último da história que tem seu centro em Jesus Cristo.

CONCLUSÃO

Cada período da história da humanidade possui suas marcas que ficam na história para a posteridade. Com a Pós-Modernidade, ao contrário, tem-se o risco de não haver mais uma história a ser contada no futuro para as novas gerações, pois para o niilismo pós-moderno só existe, de fato, o tempo presente que sempre retorna eternamente.

Neste trabalho, verificou-se que a Pós-Modernidade é o período pós-cristão que deseja romper com tudo aquilo que lembra o cristianismo em uma tentativa de retornar à era trágica dos gregos. Este regresso é perceptível na tentativa humana de preencher seu vazio através do sexo com vários parceiros ou parceiras em uma só noite, na pornografia, no consumo de drogas lícitas e ilícitas, na subversão musical e, enfim, em outros excessos da cultura popular pós-cristã.

O niilismo é uma consequência direta da secularização do protestantismo. Originalmente, o cristianismo não religioso de Lutero consistia no trabalho secular onde o cristão executa sua profissão servindo a Deus por meio do

próximo. Entretanto, nem o próprio Lutero percebeu onde essa corrente teológica iria chegar. Com o avanço do conhecimento, impulsionado pelo Iluminismo (que é a secularização do pietismo), o próprio crente acabou percebendo que também Deus não passava de uma fábula, uma mentira. Nietzsche não fez outra coisa a não ser esbrachar o que o ser humano iluminista já tinha descoberto: Deus foi morto, e foram os seus fiéis que o mataram!

Vattimo propõe a *kénosis* como um paralelo ao niilismo. Para ele, sem o Deus que se fez fraco não há como resgatar a dignidade humana em tempos onde ela está escassa. Assim como Deus se humilhou, as instituições precisam se humilhar para sobreviverem no tempo pós-moderno. Conforme Vattimo, o cristianismo só pode subsistir na Pós-Modernidade por meio de sua contínua secularização, pois a *kénosis* é a vocação da secularização. Entretanto, é necessário notar que Vattimo acaba colocando o vazio no lugar do vazio. Sem o Cristo encarnado, morto, ressurreto e exaltado pelo Pai, não resta cristologia que seja suficiente para dar sentido e dignidade à vida humana, pois a história que tem seu centro na encarnação de Jesus Cristo possui também seu alvo na ressurreição dos mortos.

Os primeiros cristãos viviam em uma cultura helênica-romana. A Pós-Modernidade como retorno à era trágica dos gregos confronta os cristãos a conviverem em um período da história que nega o cristianismo como arcaico e irrelevante. A sociedade pós-moderna exhibe as diferenças e esconde a igualdade. Rm 12.1 diz: “não vos conformeis com este século”. O grande desafio para as pessoas da Pós-Modernidade é anunciar que sem a visão de mundo judaico-cristã o Ocidente histórico, artífice e humanista, como é conhecido, deixa de existir.

REFERÊNCIAS

- BACKES, Marcelo. “Cronologia biobibliográfica”. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras escolhidas**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- BARROS FILHO, Clóvis de. Deus. In: **Grandes desafios da Modernidade**. 1, 2010, UNIMED Vitória. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KISi0LpfOc>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- BARROS FILHO, Clóvis; POMPEU, Júlio. **Somos Todos Canalhas**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.
- BEALE, Simon Russell. Bach e o legado luterano. Documentário. Inglaterra: BBC, 2008, *apud* **Programa acervo**. Brasília: TV Escola. 13 de Maio de 2013.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. O trágico na música: a Carmen de Bizet como expressão da tensão apolíneo-dionisíaca. In: **Exagium**. Ouro Preto, 9. ed. 2011, p. 67-86.

- GODOY, Fernanda. Sobre as mulheres vikings e as questões de gênero no medievo. In: **Medievalis**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, .../2014, p. 41-159.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 21. ed. São Paulo: Globo, 2012.
- LUTERO, Martinho. Da vida Matrimonial. In: **Obras Seleccionadas**. v. 5. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, 1995, p. 161-183.
- MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **Sobre o nomadismo**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MC DUDU. **Trampolim**. São Paulo: DJ Perera, 2014. Disponível em: <https://youtu.be/0jVILeST7vY>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- MEUC. **Vamos Todos Cantar**. 4. ed. São Bento do Sul: União Cristã, 2010, hino nº 287.
- MORAES BARROS, Fernando R. de. **O pensamento musical de Nietzsche**. 2005. Dissertação (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Filosofia, da Faculdade de Filosofia, Letras Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- _____, Vinícius de; JOBIM, Antônio Carlos. Garota de Ipanema. Intérprete: Tom Jobim. In: JOBIM, Tom. **Tide**. Los Angeles: A & M Records, p1970. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 1.
- MOZDZENSKI, Leonardo. A construção multimodal do *ethos* no gênero videoclipe. In: **Intersecções**. Jundiaí, 10. ed, n. 2, nov./2013. p. 4-28.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. A Filosofia na Era Trágica dos Gregos – 1874. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras escolhidas**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- _____. A Arte em “O Nascimento da Tragédia” – 1888. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Os Pensadores**. Vol. 41. Obras Incompletas. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Hemus, 1981.
- _____. **Assim Falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 1999.
- _____. Considerações Extemporâneas – 1874. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Os Pensadores**. vol. 41. Obras Incompletas. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. O Anticristo – 1888. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Obras escolhidas**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- _____. **O Caso Wagner**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NITSCH, Hermann. “Performance”. Tilburg: Incubate festival, 2009. Disponível em: <http://www.beeld.nu/html/culture/hermannnitsch.html/#/>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- OLIVEIRA GUIMARÃES, Maria da Conceição. Amor e morte em Dido, a Rainha de Cartago, de Christopher Marlowe, e Eneida, de Virgílio. In: **Revista Brasileira de Literatura comparada**. São Paulo, v. 1, n. 10/11/..., 12. p. 171-187.
- PERLMUTTER, Dawn. The Sacrificial Aesthetic: Blood Rituals from Art to Murder. In: **Anthropoetics**. Chester/Pennsylvania, v. 5, n. 2, .../2000, § 2. Disponível em: <http://anthropoetics.ucla.edu/ap0502/blood/>. Acesso em: 29 abr. 2016.
- PERRY, Katy. Firework. In: PERRY, Katy. **Teenage Dream: The Complete Confection**. Montana: Capitol Records, p2012. 1 CD. Faixa 4.
- _____. I Kissed a Girl. In: PERRY, Katy. **One of the Boys**. Londres: EMI, p2008. 1 CD. Faixa 2.
- _____. Peacock. In: PERRY, Katy. **Teenage Dream**. Montana: Capitol Records, p. 2010.

- 1 CD. Faixa 5.
- PINHEIRO DA FONSECA, Joel. Ainda entre Nós. In: **Veja**. 2483. ed. São Paulo: Editora Abril, 22. jun. 2016. p. 101.
- SAUMELL, Mercè. Ópera e emoção. In: **Moringa**. João Pessoa, v. 3, n. 1, jan-jun/2012. p. 74-82.
- SCOTTINI, Alfredo. **Dicionário Escolar**. Blumenau: Todo Livro, 2009.
- SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR - SINAES. **Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE**. Teologia. Fascículo 12. Novembro 2015.
- STOTT, John. **Ouçã o espírito, ouçã o mundo**. São Paulo: ABU Editora, 1992.
- VATTIMO, Gianni. A Idade da Interpretação. In: ZABALA, Santiago (org.). **O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- _____. **Depois da Cristandade**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- _____. **Diálogo com Nietzsche**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- _____. **O Fim da Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WESTPHAL, Euler Renato. “A Pós-Modernidade e as verdades universais: a desconstrução dos vínculos e a descoberta da alteridade.” In: CARVALHO LAMAS, Nadja de; RAUEN, Taiza Mara (orgs.). **(Pro)Posições Culturais**. Joinville: Univille, 2010.
- _____. Existência sob a cruz – somos justos e pecadores. **Jorev Luterano**, Porto Alegre, ano 41, n. 753, p. 9, ago. 2012.
- _____. **O Oitavo Dia**. Na Era da Seleção Artificial. São Bento do Sul: União Cristã, 2004.
- ZABALA, Santiago. Uma religião sem teístas e ateístas. In: ZABALA, Santiago (org.). **O futuro da religião: solidariedade, caridade e ironia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- ŽIŽEK, Slavoj. **The pervert’s Guide to Cinema**. Produção de Sophie Fiennes. Londres: CA Projects, 2006. 1 DVD (150 min).